

**E quando não há muito mais o que
guardar no armário? Homossexualidades
e processos de envelhecimento**

*And when there is not much to keep in the closet?
Homosexualities and aging*

Fernando Seffner

*Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
fernandoseffner@gmail.com*

Gustavo Duarte

*Doutor em Educação, Universidade Federal de Santa Maria
guto.esef@gmail.com*

2

Resumo

O presente artigo é um dos frutos do acompanhamento dos encontros regulares de um grupo de homens *gays mais velhos*, entre 2009 e 2012, na cidade de Porto Alegre, bem como de outras inserções dos pesquisadores em cenários de troca de experiências acerca do envelhecimento homossexual masculino em diferentes ambientes. Com o auxílio da noção de epistemologia do *closet*, exploramos tanto a trajetória do grupo quanto cenas e conflitos das trajetórias de vida de seus integrantes. Verificamos que as definições de juventude e de velhice mostram-se intrinsecamente conectadas e há um recorrente jogo de relações. Identificamos também que os movimentos de *permanecer no armário* e de *sair do armário (coming out)* encontram múltiplas possibilidades de compreensão, a depender de contextos específicos.

Palavras-chave: Homens gays. Processos de envelhecimento. Epistemologia do *closet*. Porto Alegre. Masculinidades. Estudos de gênero.

Abstract

This article is one of the fruits of the follow-up regular meetings of a group of gay men *older* between 2009 and 2012 in the city of Porto Alegre, Brazil. The article also makes use of inserts of researchers in experience-sharing scenarios about male homosexual aging in diverse cultural contexts. With the help of epistemology of the closet notion, we explore both the history of the group as scenes and conflicts of the trajectories of its members. We found that youth and old age definitions have proved intrinsically connected and in constant interplay of relationships. We also noticed that the movements of *being in the closet* and *coming out* are multiple possibilities of understanding to depend on specific contexts.

Keywords: Gay men. Aging processes. Closet epistemology. Porto Alegre. Masculinities. Gender studies.

Estudos sobre homens gays mais velhos: recortes e lacunas

São muitos os modos de lidar com os processos de envelhecimento, a depender de marcadores como gênero, raça, classe social, nível educacional, orientação sexual, pertencimento religioso, situação nacional, estrutura familiar, acesso a serviços de saúde e programas preventivos, dentre outros. De toda forma, a impressão que prevalece é a de que velho mesmo ninguém é hoje em dia (ou ninguém gosta de ser), pois todos carregam (ou deveriam carregar) elementos do vigor da juventude.

A abordagem que fazemos da questão do envelhecimento neste texto opera com alguns recortes. Acompanhamos os encontros de um grupo de homens homossexuais *mais velhos* (pois assim eles se definiam), entre 2009 e 2012, na cidade de Porto Alegre¹. Eles eram quase todos de renda média, brancos, solteiros, com bom nível educacional, boa estrutura de residência e acesso a serviços de saúde. Integravam um grupo com o sugestivo nome de Oficina de Gente, já de longa existência, com encontros regulares, ótima frequência e uma coordenação que produzia a ata de cada encontro, enviada a todos por correio eletrônico.

A experiência do grupo não tinha grande visibilidade por vários motivos, sendo o principal deles o próprio desejo dos participantes, bem como porque já há alguns anos os encontros se faziam em rodízio pelas casas dos integrantes, de modo discreto, nos sábados à noite, com o ingresso de novos elementos por convite dos já inseridos. Porém, quando consultamos sobre a intenção de participar das reuniões e produzir uma pesquisa sobre o grupo, fomos muito bem recebidos e tivemos amplo acesso para entrevistas, acompanhamento dos encontros, leitura de documentos (em particular, as atas dos encontros), comentários sobre as fotos e convites para momentos de celebração.

Nosso estudo se insere no cruzamento de duas grandes áreas de pesquisa, já bem consolidadas. A primeira delas diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, sobretudo no enfoque que por vezes é denominado de *estudos gays*. A segunda compreende os estudos sobre o envelhecimento, também já com grande solidez no país e no mundo. No entanto, o cruzamento que estabelecemos – homens gays e processos de envelhecimento – demarca um território admitido por autores das duas áreas como pouco desenvolvido.

¹ A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da tese de doutorado de Gustavo de Oliveira Duarte, disponível na íntegra para consulta no Repositório Digital LUME da UFRGS em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71278>>. Acesso em: 18 jun. 2015. Diversos outros elementos foram agregados ao texto, fruto de interações dos pesquisadores com diferentes ambientes de convívio de homens gays mais velhos em Porto Alegre.

Na vertente dos estudos sobre o envelhecimento, percebemos que “[...] essa revisão aponta para várias lacunas dentro da literatura, há muito poucos esboços de pesquisas qualitativas e muitas populações ausentes nas pesquisas, incluindo deficientes, homossexuais, culturas diversas e aqueles menos saudáveis” (GARDNER, 2006, p. 77). Na outra vertente, a questão da velhice e dos processos de envelhecimento ainda é pouco explorada no estudo das homossexualidades, sobretudo a masculina, principalmente em publicações nacionais. Somente a partir da década de 1990, alguns grupos e seminários temáticos em congressos passaram a investir no tema:

[...] apontar as lacunas nos estudos sobre geração e sexualidade e, num grau mais elevado ainda de dissociação, nos estudos sobre geração e sexualidades periféricas, as quais divergem do ideal normativo da matriz heterossexual, familista por definição [...] Se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual (PAIVA, 2009, p. 199).

Silva e Montenegro (2012), além de compartilharem da constatação de Paiva (2009), buscaram investigar as representações de homossexuais idosos em publicações homoeróticas brasileiras. Os autores destacam que na contemporaneidade, mais do que em épocas passadas, a homossexualidade (ainda) está associada à ideia do *ser jovem*. Ao analisar as publicações *Sui Generis*, *G Magazine*, *Júnior* e *DOM*, o estudo mostrou que “[...] mesmo sendo publicadas para um público específico, os periódicos, raramente, ofereceram espaço em suas páginas para falar sobre os homossexuais idosos” (SILVA; MONTENEGRO, 2012, p. 6).

No estudo citado, Silva e Montenegro (2012) chamam a atenção não apenas para o fato de as publicações valorizarem a aparência de homens jovens e bonitos, mas também para a questão de que os homossexuais idosos, quando aparecem, somente apresentam desejo sexual em suas juventudes e atualmente estão associados à ideia de carência afetiva e sexual. É importante destacar que, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, a partir de estudos demográficos (GARDNER, 2006; NERI, 2008; BRASIL IBGE, 2014), é possível afirmar que o número de pessoas da chamada *meia-idade* e os próprios idosos acima de 60 anos, em um futuro bem próximo, vão constituir a maioria da população, se comparados às crianças e aos jovens. Com esses dados em mente, uma das questões que investigamos na pesquisa, acompanhando a Oficina de Gente, foi tentar compreender como esse

fenômeno dialoga com as representações de juventude, beleza e visibilidade comumente associadas ao universo da chamada cultura gay. Observamos que certo ideal de juventude está fortemente instalado no ambiente gay, o que contribui para dificultar o diálogo entre homens gays mais velhos e aqueles com idades até os trinta anos.

Com base nessas constatações, o acompanhamento da Oficina de Gente buscou investigar alguns desdobramentos sociais e políticos que dizem respeito aos processos de envelhecimento de homens gays, em especial indagando sobre suas relações afetivas e sociais na família, no trabalho, na constituição de círculos de amizades e, sobretudo, nas expressões e vivências da homossexualidade com o passar do tempo. Mesmo com o crescimento populacional e de visibilidade de pessoas mais velhas, em particular gays e lésbicas, verifica-se que as divisões e classificações etárias, articuladas a atribuições de comportamentos e expectativas sociais, continuam a operar de maneira implícita e explícita na sociedade em geral. A compreensão da idade pode funcionar diferentemente em comunidades urbanas e rurais e ainda se configurar como menos relevante nas relações entre lésbicas do que entre gays.

Não há como ir ficando um homem gay *mais velho* sem a relação com o que são as culturas juvenis gays, tema que foi bastante problematizado pelos integrantes do grupo. Sentir-se *velho* ou *mais velho* ou *menos velho* é algo sempre feito em relação a padrões de juventude vigentes. Ao se abordar essa realidade, evidenciou-se, nesse grupo, um conjunto de estratégias de resistência e negociação não apenas frente ao envelhecimento, mas também na relação com as culturas juvenis gays. Aqui o tema do armário se fez presente e será mais bem desenvolvido adiante. Julio Simões (2004) contribui especificamente com essa temática ao relacionar a homossexualidade masculina e o paradigma do curso da vida, abordando as representações do processo do envelhecimento homossexual masculino. Ao referir-se às concepções tradicionais acerca da velhice ocidental e aos valores disseminados na cultura de consumo contemporânea, o que ainda prevalece é a associação com a morte, o declínio, a finitude, perdas e depressão, ou seja, tudo aquilo que se vincula à concepção de corpo predominantemente biológica e produtiva.

Esse quadro é mais complexo ainda quando o envelhecimento homossexual masculino tem como pano de fundo os centros urbanos e as metrópoles, onde, na chamada *cultura gay masculina*, impera o interesse pela beleza e juventude dos atributos físicos, da moda e de um mercado sexual hierarquizado (SIMÕES, 2004). Esse autor reflete ainda sobre o aparecimento do que chama de *envelhecimento precoce* atribuído aos gays na faixa dos 30 a

40 anos de idade, quando começam a enfrentar e a sofrer a crise do envelhecimento. Somam-se a isso a solidão, o isolamento e até mesmo quadros depressivos, uma vez que a maioria dos gays não constituiu família e filhos para se preocupar e *preencher* seu tempo, retardando em alguma medida as preocupações com os efeitos do envelhecimento. As representações poderiam oscilar desde a imagem da *tia velha e meio gagá* ao *velho tarado*. Por outro lado, Julio Simões apresenta evidências do chamado envelhecimento bem-sucedido, quando o nível de satisfação e qualidade de vida é melhor do que as gerações mais jovens:

Uma pesquisa sobre experiência e representações de maturidade e envelhecimento entre homens que fazem sexo com outros homens deveria, então, situá-las no cruzamento tenso e móvel entre as velhas e novas convenções sobre periodização da vida, envelhecimento e velhice e suas relações com a sexualidade e homossexualidade. Isso significaria levar em conta, numa frase, os arranjos, combinações, variações e passagens possíveis entre a tia velha deprimida e solitária e o coroa bem-disposto e bem acompanhado (SIMÕES, 2004, p. 421).

Essas questões foram objeto de conversas no grupo que acompanhamos: estar sozinho ou vir a ficar sozinho; o medo da solidão e de possíveis quadros depressivos; a ausência de visibilidade acerca de uma velhice feliz; a valorização da cultura da beleza e da juventude e a falta de preparação para a velhice; o temor de ser visto como um ser abjeto pelos outros; as mágoas e tristezas derivadas de uma vivência da homossexualidade pautada pelo estigma e discriminação:

Quando é, por exemplo, que um gay começa a envelhecer? Quando se depara em “envelhescência”? Aos trinta? Aos quarenta? Aos cinquenta? A matriz heterossexual nesse sentido ajuda a delimitar um campo mais ou menos desenhado para essa marcação: envelhece-se quando os filhos saem de casa, ou quando casam, ou quando vêm os netos [...] Mas quando não há esses marcadores geracionais expressos na norma conjugal e familiar, quando é que se começa a envelhecer? E o que a experiência de envelhecer faz mudar a percepção de si, do outro e do mundo? (PAIVA, 2009, p. 201).

Para Swain (2008), a idade é, a partir de uma interessante perspectiva crítica e irônica, um definidor de gêneros não somente nas categorizações do feminino e do masculino, mas também entre as próprias mulheres e os grupos ditos minoritários, de modo a funcionar como um verdadeiro divisor de águas. A autora considera a velhice como uma categoria social criada pelo biopoder para melhor classificar o humano em mais um degrau hierárquico e, assim, impor modelos de consumo e de vida. Nessa mesma direção, a pesquisa de Pochay (2011), ao denominar a cultura em que vivemos de heterossexista e velhista e acompanhar as experimentações de homens velhos em saunas e bares gays, apontou para algumas possibilidades de resistência possíveis em relação aos discursos héteros e homonormativos, que esboçassem uma *vida criativa*, inspirada nas teorizações de Michel Foucault. Partilhamos sua posição quando esclarece: “[...] me proponho à construção de 'outro horizonte discursivo', acompanhando movimentos que nos permitem viver/pensar a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, não de uma 'ciência sexual'” (POCAHY, 2011, p. 48). Com esse recorte amplo da problemática, passamos agora a apresentar o grupo que foi objeto de nosso acompanhamento.

A Oficina de Gente: porque envelhecer é um rasgar-se e remendar-se

As reuniões semanais que acompanhamos, em geral aos sábados à noite, tiveram uma frequência média de nove a dez pessoas. Em alguns momentos, quando o grupo recebeu convidados ou debateu tema do momento (como eleições e candidatos gays, por exemplo), a frequência chegou a recordes de quinze pessoas, lotando a sala do anfitrião e produzindo visível excitação. De modo a dar uma ideia da composição do grupo, identificamos três subgrupos. O primeiro deles é formado por seis senhores com idades ao redor de cinquenta e cinco até setenta anos, sendo os mais velhos e também os mais antigos no grupo, com frequência constante nos encontros, o qual optamos por denominar de núcleo velho. Um segundo subgrupo, mais numeroso, é composto por cerca de doze integrantes, com idades na faixa dos trinta aos cinquenta e cinco anos, de frequência mais esporádica nas reuniões, mas já vinculados ao grupo de longa data, o qual nomeamos de periferia flutuante. Por fim, o terceiro subgrupo é composto por cinco integrantes, de adesão mais recente, com idade entre vinte e trinta anos e com frequência esporádica, o qual denominamos de margem jovem. Com isso, desejamos salientar que o grupo, embora formado por indivíduos com um corte geracional que vai dos vinte aos setenta anos, é efetivamente um grupo de homens gays mais velhos, os quais dão corpo à sua existência, bem como fornecem a maioria dos tópicos para debate nos encontros.

Segundo relato dos integrantes do núcleo velho, o atual grupo surgiu de outro grupo. O agrupamento inicial levava o nome de Areté, com proposta de ser especificamente formado por homens gays intelectualizados. Basicamente, constituía um grupo seletivo de homens homossexuais cultos da sociedade porto-alegrense, que deveriam inscrever-se e passar por um teste com questões de conhecimentos gerais para constatar se estariam aptos a ingressar, ou não, no referido grupo:

Na verdade, a Oficina da Gente começou a partir de uma dissidência de outro grupo chamado Areté, que surgiu em julho de 1998 [...] Desde o início, conversamos e traçamos um perfil do grupo: pra ele [o fundador do primeiro grupo] o grupo tinha que ser esse tal de Areté, intelectualizado, onde as pessoas eram escolhidas e selecionadas para o grupo através de um teste que era uma sabatina. Por exemplo, se fulano se candidatava para o grupo então chegava à reunião e aí eram escolhidas umas perguntas e quem não passava pela sabatina não ingressava. Mas para o grupo se formar, os primeiros membros foram assim escolhidos por mim, pelos meus amigos, porque ele era de São Paulo e não tinha um círculo de amizades tão vasto e o grupo precisava se formar, inclusive o Robson participou, eu tenho fotos disso tudo, das reuniões, então começou a surgir (Alberto, 62 anos).

Na verdade, a Oficina da Gente começou a partir de uma dissidência de outro grupo chamado Areté, que surgiu em julho de 1998 [...] Desde o início, conversamos e traçamos um perfil do grupo: pra ele [o fundador do primeiro grupo] o grupo tinha que ser esse tal de Areté, intelectualizado, onde as pessoas eram escolhidas e selecionadas para o grupo através de um teste que era uma sabatina. Por exemplo, se fulano se candidatava para o grupo então chegava à reunião e aí eram escolhidas umas perguntas e quem não passava pela sabatina não ingressava. Mas para o grupo se formar, os primeiros membros foram assim escolhidos por mim, pelos meus amigos, porque ele era de São Paulo e não tinha um círculo de amizades tão vasto e o grupo precisava se formar, inclusive o Robson participou, eu tenho fotos disso tudo, das reuniões, então começou a surgir (Alberto, 62 anos).

Na verdade, a Oficina da Gente começou a partir de uma dissidência de outro grupo chamado Areté, que surgiu em julho de 1998 [...] Desde o início, conversamos e traçamos um perfil do grupo: pra ele [o fundador do primeiro grupo] o grupo tinha que ser esse tal de Areté, intelectualizado, onde as pessoas eram escolhidas e selecionadas para o grupo através de um teste que era uma sabatina. Por exemplo, se fulano se

candidatava para o grupo então chegava à reunião e aí eram escolhidas umas perguntas e quem não passava pela sabatina não ingressava. Mas para o grupo se formar, os primeiros membros foram assim escolhidos por mim, pelos meus amigos, porque ele era de São Paulo e não tinha um círculo de amizades tão vasto e o grupo precisava se formar, inclusive o Robson participou, eu tenho fotos disso tudo, das reuniões, então começou a surgir (Alberto, 62 anos).

Recolhemos nessa proposta de origem do primeiro grupo uma fala difusa, muito presente em vários homens homossexuais mais velhos das classes médias de Porto Alegre, dando conta de que as *bichas*, em especial antigamente, constituíam um grupo social mais elevado intelectualmente do que a média, associando esse traço também a certas marcas de refinamento social e sensibilidade artística. Esse elemento foi mobilizado, em outras ocasiões no grupo atual, para opor certo comportamento *banal* dos homossexuais jovens com a conduta mais reflexiva e refinada dos homossexuais mais velhos. Certa informalidade dos mais jovens, associada a modos tidos como superficiais de assumirem sua visibilidade, foi associada a uma falta de cultura geral e refinamento nas culturas juvenis gays da atualidade.

No entanto, o grupo original não perdurou e, ainda no mesmo ano de 1998, os dois membros mais antigos da formação atual criaram o que foi denominado por eles de um grupo de *estrutura menos rígida e mais amigável*. A nova formação abriu possibilidade de focar mais diretamente o que largamente é denominado pelos integrantes como *autoconhecimento*: “Porque não se falava tanto assim da questão emocional no primeiro grupo, entendeu? Porque no grupo atual tem mais objetivo de trabalhar o autoconhecimento e o Areté era mais acadêmico, mais intelectual, porque o Góia tinha esse perfil de um cara mais intelectualizado” (Alberto, 62 anos).

Porém, não foi apenas a questão do autoconhecimento que ingressou na pauta do grupo. É possível perceber, nas entrevistas com os organizadores desse segundo grupo, que, logo que se passou a conversar sobre a *autoaceitação gay*, discutindo a militância gay na cidade de Porto Alegre, foi um passo que sacudiu a trajetória do grupo, com idas e vindas. Isso explica o fato de que o grupo tenha durante algum tempo feito suas reuniões tanto na sede do Nuances², primeira organização não governamental a lidar com as questões da homossexualidade em Porto Alegre, como, posteriormente, na sede do SOMOS³, outra organização com o mesmo perfil. Entretanto, mesmo com essa passagem

² Mais informações em: <<http://gruponuances.blogspot.com/2011/09/exposicao-20-anos-nuances.html>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

³ Mais informações em: <<http://somos.org.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

por duas instituições claramente dedicadas aos temas da militância gay na cidade, as reuniões do grupo oscilaram entre se pautar por alguma ousadia militante ou se constituir como espaço para mútua ajuda no quesito *autoaceitação gay*. Ou seja, participar das reuniões do grupo, para muitos, já era fazer alguma ação política de lutar contra o preconceito, enquanto, para outros, ir ao grupo deveria ser o primeiro passo para se inserir em outras ações. Aqui fica clara a diferença entre esta proposta de grupo e aquela examinada por Cristina Câmara (2002), a qual apresentou a criação e a trajetória do grupo *Triângulo Rosa*, em 1985, no Rio de Janeiro, no qual o caráter militante e a luta por igualdade de direitos e cidadania homossexuais constituíram-se como prioritários na formação e consolidação do grupo. O coletivo que acompanhamos, ao contrário, não surgiu a partir de um movimento político organizado, que exigia uma visibilidade constante e a proposição de ações, conforme a autora destaca em sua pesquisa (CÂMARA, 2002).

A Oficina de Gente oscilou em sua trajetória entre dois modelos de grupo que se tensionam mutuamente. Tendo começado como grupo de amigos que se encontravam para conversar sobre temas específicos, logo se abriu para a dimensão da troca de experiências e autoconhecimento. A partir dos relatos do núcleo velho, podemos perceber o entusiasmo e o envolvimento nas ações descritas por eles para a constituição de um grupo criado para compartilhar momentos entre iguais, mesmo com características formais e sofisticadas em relação à vivência homossexual na primeira versão. Cabe nesse momento ressaltar que ambos, Alberto e Robson, relataram que antes dessa formação inicial já haviam vivenciado momentos de solidão e dificuldade de encontrar alguém para conversar e para sair, seja para preencher certo vazio de seus cotidianos, seja por algum outro motivo em especial. O foco inicial foi a promoção da sociabilidade, com o compartilhamento da rotina de cada um, as estratégias de enfrentamento da solidão e as situações em que se deparavam na *vida gay gaúcha*. Dois depoimentos acerca desses anos iniciais explicitam isso:

Depois que fiquei viúvo, eu precisava de uma companhia, desde 1998. Soube do grupo por um amigo do Alberto, em Canoas, e o conheci e aí ficamos acompanhando ele e a turma toda, sou da safra antiga. Eu estava muito sozinho naquela época, estava perdido, porque o meu parceiro não queria aparecer e aquela coisa toda, e daí depois que ele morreu me vi obrigado a procurar outras pessoas (Alejandro, 64 anos).

Soube do grupo pelo Alberto, nós já tínhamos amigos em comum, eu entrei em 1999, no ano

que o meu companheiro morreu. Foi muito bom pra mim. A gente perde uma pessoa que amava e de repente eu encontro este grupo maravilhoso e comecei a participar e nunca mais parei, sou da safra antiga (Arlindo, 58 anos).

Ao longo dos anos 2000, a Oficina de Gente experimentou dois períodos de reuniões nas ONGs citadas acima. Durante um ano, fez as reuniões na sede do Nuances, depois voltou para os encontros na casa dos participantes, passou por um curto período fazendo reuniões na sede de um centro espírita, deixou de funcionar por um período por falta de local, voltou a se reunir durante dois anos na sede do SOMOS, retornou para a casa dos participantes, tornou a ficar um período sem realizar encontros e passou novamente a funcionar com encontros nos sábados à noite nas casas dos integrantes: “Daí teve várias interrupções e lacunas, sempre foi por falta de local, gente nunca faltou” (Alberto, 62 anos). Quando iniciamos o acompanhamento do grupo (2009), ele estava funcionando de modo regular com encontros em rodízio na casa dos integrantes, tendo seguido assim durante todo o período da observação que fizemos. Acerca dessas idas e vindas e, em particular, do período nas ONGs citadas, as opiniões são diversas:

Depois ficamos no Nuances, praticamente um ano, foi um período muito rico. Só que era interessante que tinha um pé direito muito alto (altura do chão ao teto) não ajudava muito as reuniões, o local não era acolhedor e não agregou as pessoas. Por isso em casa tem um inconveniente de selecionar só os amigos por segurança, mas em compensação tu tens um clima acolhedor. No Nuances não tinha isso, era um salão, mas não tinha um clima de acolhimento, mas ao mesmo tempo, muitas coisas vinham à tona, assuntos interessantes, sobre autoconhecimento. Essa é a linha atual do grupo, que sempre teve esse objetivo de trabalhar o lado emocional, desde a fundação (Alberto, 62 anos).

Eu não sou da primeira fase, nem participei quando eles foram pro tal do SOMOS, quando era um mundaréu de gente. Eu já não gosto da coisa assim, eu prefiro um grupinho como o nosso que funciona melhor. Agora eu vejo o grupo como uma forma de socializar, manter as amizades e aprofundar (Fábio, 62 anos).

Aí parou um tempo, ficou fechado, mas o Alberto e eu pensamos que o grupo fosse publicizado, assim como tinha os alcoólicos anônimos. Aí veio a época do Nuances que foi fora de série, ali perto daquela praça e nos recebeu de portas abertas, tinha um salão grande, de 25 a 30 pessoas, de 15 em 15 dias, e ainda tinha um folder que anunciava as nossas reuniões para todos (Robson, 71 anos).

Durante os dois períodos em que o grupo funcionou nas ONGs, os integrantes que acompanharam essas incursões relatam que as reuniões eram mais concorridas, havendo maior número de partícipes, mas, ao mesmo tempo, não tinha adesão prolongada, ou seja, as pessoas circulavam em alguns encontros e depois desapareciam. Também chama a atenção o fato de que nesses dois períodos participaram do grupo travestis e transexuais, garotos de programa, mulheres lésbicas, embora sempre com forte presença de homens homossexuais, ou seja, o grupo ficou bastante diverso, o que contrasta com sua composição no intervalo de tempo por nós pesquisado. Nessa passagem pelas ONGs, o grupo foi tensionado a adquirir um caráter político propositivo, envolvendo-se com as paradas gays ou com a discussão de outras pautas do movimento LGBT. Há uma certa oscilação aqui que lembra a conhecida dicotomia entre a casa e a rua, entre o espaço público e o espaço privado. O quesito *acolhimento* aparece com frequência para marcar a diferença entre as casas, sempre acolhedoras, e os demais espaços, sempre pouco acolhedores:

[...] nessa busca de local, a gente conseguiu um espaço, um centro espírita no bairro Glória. O espaço foi cedido aos domingos à tarde, e lá fizemos um pouco mais tarde do que em Canoas, que era das 14 às 17h e lá foi a partir das 17 até às 19h. Mas não era acolhedor, era um garajão e aí não durou muito tempo e o pessoal não ia também porque era num centro espírita (Alberto, 62 anos).

Essa coisa de fazer o negócio com todo mundo foi boa por um tempo, agitou o grupo. Mas depois pensamos que era melhor voltar para as casas, para um círculo fechado mesmo, onde nos sentíssemos mais à vontade e mais acolhidos (Robson, 71 anos).

As casas são sempre acolhedoras, mas não são todos os integrantes do grupo que oferecem sua residência para os encontros. Veja-se que mesmo o coordenador e mais antigo membro do grupo, durante parte dos anos de funcionamento da Oficina de Gente, morava com seus pais e não tinha como oferecer a sua casa para encontros. Alguns participantes do grupo não oferecem suas casas para as reuniões, mesmo morando sozinhos, o que está ligado em geral à preservação de uma vida discreta. A questão de fundo é que o objetivo da maior parte dos integrantes de adesão regular ao grupo – tanto aqueles do núcleo velho quanto da periferia flutuante – parece ter sido sempre organizar uma instância de convívio e acolhida, mas ela também sempre foi tensionada por alguma exigência de ordem militante no universo LGBT, em geral ligada à questão da visibilidade e em estreita conexão com o *assumir-se*. De maneira coerente com o que se divulga na chamada *comunidade gay brasileira*, nossa percepção foi de que os integrantes do grupo vivem sua homossexualidade nos dias atuais de modo bastante influenciado pelas noções de visibilidade e assumir-se (*coming out*).

Ou seja, o processo da visibilidade e do enfrentamento de possíveis consequências decorrentes de uma *revelação* diante de algumas ou várias pessoas e/ou contextos diferenciados configura-se, em muitos casos, problemático e contingencial. A esse respeito, Sedgwick (2007, p. 21), em seu clássico estudo *A Epistemologia do Armário (Epistemology of the Closet)*, reflete:

A epistemologia do armário não é um sistema nem datado nem um regime superado de conhecimento. Embora os eventos de junho de 1969, e posteriores, tenham revigorado em muitas pessoas o sentimento de potência, magnetismo e promessa de autorrevelação gay, o reino do segredo revelado foi escassamente afetado por Stonewall. De certa maneira, deu-se exatamente o oposto. Para as antenas finas, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome.

Em sintonia com o que expõe a autora, o ambiente social e cultural gay contemporâneo (ou a *cena gay contemporânea*) aposta na visibilidade não apenas para constituir e fortalecer o ativismo gay ligado ao reconhecimento de

direitos sociais, mas também como sinônimo de vida viável e feliz. O *sair do armário* não é apenas um projeto político coletivo, mas também projeto político individual e promessa de felicidade na vida gay. Inclusive um dos argumentos dessa linha de pensamento é problematizar o termo *minoría* e reverter/jogar com o impacto dos dados estatísticos que reforçam a heterossexualidade como maioria, como norma e, portanto, como sinônimo de normalidade, conforme destacam Weeks (2001) e Louro (2003, 2004).

Apesar disso, seguidamente os meios de comunicação brasileiros, e alguns estudos e pesquisas, chamam a atenção e denunciam os inúmeros casos e situações de agressão, perseguições, violência explícita e gratuita a uma considerável parcela de homossexuais, estejam eles mais ou menos visíveis. Na família, na escola, entre vizinhos ou desconhecidos, a aversão a homossexuais não apenas se direciona àqueles que se mostram mais afeminados, de *fácil identificação* – seja por uma expressão e/ou visualidade diferenciada da masculinidade hegemônica, seja por manifestações de afeto entre homens –, mas também àqueles que se parecem com eles. Insultos, ofensas e ameaças fizeram, e ainda fazem, parte de diferentes formas da experiência social de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil, dando corpo ao conceito de homofobia.

Inseridos nessa conjuntura, os integrantes da Oficina de Gente se debatem entre as ações de visibilidade (participar das paradas gays, fazer reuniões abertas em instituições, ter existência pública nas redes sociais, contar para amigos e familiares acerca de sua homossexualidade) e a discrição das reuniões nas casas (ambiente de acolhimento, troca de experiências e autoajuda, possibilidade de aprofundar relações, manutenção da discrição, aposta na estrutura do grupo para enfrentar a velhice que se aproxima, quando vão necessitar de ajuda). O dispositivo do armário é bom para pensar essas situações e o termo foi utilizado em muitos momentos pelos integrantes, quando indagados por nós nas entrevistas sobre o caráter do grupo e sobre esses períodos entre casas e instituições:

Eu me pergunto às vezes se o grupo não é um grande armário. As pessoas saem de suas casas, que são os seus armários, e vêm aqui e se reúnem em um armário maior, onde cabem todos. Mas elas não querem ficar muito visíveis. Por isso muitos não gostaram e não quiseram participar quando a gente esteve no Nuances e no SOMOS (Romero, 57 anos).

Ao longo de todo o período em que acompanhamos a Oficina de Gente, essa tensão não se resolveu de modo definitivo, e o tema, quando posto em discussão, nunca experimentou acordo ou unanimidade de posições.

O objetivo da maior parte dos integrantes claramente não é uma aposta na postura militante. Por outro lado, o grupo se mantém *aberto* a acompanhar o chamado *mundo gay* e toda a sua diversidade de expressões. Essa disposição foi levada adiante, na época em que observamos as reuniões, recorrendo aos convites para algumas lideranças participarem dos encontros de sábado à noite, como foi o caso com uma desembargadora envolvida na questão do casamento gay, lideranças políticas e lideranças culturais do ambiente LGBT da cidade de Porto Alegre, jornalistas e pesquisadores. Todas essas pessoas estiveram em encontros com o grupo e discutiram seus temas no ambiente acolhedor da casa de algum dos membros. A partir daí, o grupo claramente funcionava como território de proteção e cuidado, mas sintonizado com o debate da pauta LGBT *lá fora*. O dispositivo do armário permite pensar a trajetória do grupo, mas também é produtivo para refletir sobre as situações individuais dos integrantes, tópico que desenvolvemos a seguir.

O armário nosso de cada um e suas muitas disposições

Parte importante das conversas entre os integrantes da Oficina de Gente tinha relação com a dicotomia revelar-esconder. Claramente o que se desejava evitar eram dois extremos – a total visibilidade, que se associava como marca das culturas juvenis gays, ou a completa invisibilidade, um segundo extremo que marcava boa parte da vida da maioria dos integrantes, mas que eles estavam dispostos a modificar. De toda forma, as questões de fundo sempre eram: em que caminhos apostar para dar conta dessa tensão entre o revelar e o esconder? Para quem contar, como contar, quando contar? Para quem não contar? Como lidar com as consequências do contar? Quem tinha boas experiências para narrar sobre isso? Quem tinha más experiências para narrar? Há estratégias específicas para revelar no espaço familiar, no ambiente profissional, nas relações sociais mais amplas do próprio cotidiano a condição da homossexualidade?

Aqui também a categoria do armário e os seus desdobramentos foram sempre recorrentes e significativos com o uso do termo, já definitivamente incorporado ao linguajar LGBT nacional. Após conhecer a trajetória do grupo e realizar várias entrevistas, ficou claro que especialmente os integrantes do núcleo velho se consideravam *enrustidos* em suas relações, ou seja, relataram

que as pessoas, principalmente familiares mais próximos e colegas de trabalho, mesmo de longa data, não sabiam de sua homossexualidade e que eles mesmos procuravam não verbalizá-la. Porém, essa situação trazia em si elementos contraditórios, pois já tendo vivido tantas décadas sem casar, sem constituir família, viajando com amigos, nunca apresentando namoradas aos familiares ou colegas de trabalho, recebendo em seu apartamento grupos de homens no sábado à noite, perguntamos se efetivamente familiares e colegas já não saberiam da sua situação.

Algumas falas trouxeram marcas de fina ironia, conforme anotado no diário de campo em vários momentos: “[...] eu vivo dentro do armário toda a minha vida, mas o armário já não tem mais cadeado, e a porta fica até entreaberta muitas vezes”; “[...] no meu armário eu já instalei uma claraboia, onde entra luz e eu posso olhar o mundo, e os outros até podem me olhar também”; “[...] às vezes eu acho que nem vale mais a pena contar para certas pessoas, pois é absolutamente certo que elas já sabem de tudo, vou fazer um papel ridículo se tomar a iniciativa de contar”; “[...] tenho medo de abordar meu irmão para falar, e ele me perguntar qual é a novidade, pois desde o colégio que cursamos juntos, quarenta anos atrás, todos já desconfiavam de mim, e do jeito que a minha vida sempre foi já pararam de desconfiar e tem agora plena certeza”; “[...] faz tantos anos que a minha família já não pergunta mais nada sobre casamento e namoradas que eu fico pensando que eles já elaboraram isso e eu é que estou me preocupando à toa”; “[...] o meu armário é muito velho já, está cheio de rachaduras, a porta não encaixa mais, qualquer um que passa enxerga o que tem lá dentro”; “[...] o meu armário sempre foi muito bem cuidado, bem pintado e bem reparado, mas depois que entrei no grupo comecei a relaxar, nunca mais passei tinta nem consertei a porta, hoje em dia ele já anda fácil de arrombar”; “[...] eu vivo no meu armário, mas ele é meu, sou eu que pago as contas, então ninguém tem nada que ver com isso, as minhas irmãs estão sempre dependendo de mim para dinheiro, só faltava elas agora implicarem com o meu jeito de levar a vida”.

Todos esses trechos revelam que o regime do armário é alterado pela disposição em permanecer tantos anos de modo calado, mas situado em um ponto *fora da curva* em relação às expectativas sociais. Ou seja, se por um lado a maioria dos integrantes passou boa parte da vida sem contar para ninguém da sua homossexualidade, por outro lado, manter-se solteiro, não ter namoradas, não falar de mulheres, tudo isso terminou por perturbar o regime do armário. São reflexos de uma estratégia de resistência passiva e silenciosa, deixando dia a dia de fazer o que as expectativas sociais indicavam como adequado,

frustrando dessa forma as intenções dos demais sobre suas vidas e, paulatinamente, permitindo a construção de um conhecimento sobre suas vidas em articulação com a homossexualidade, embora a palavra nunca tenha sido pronunciada. Recentemente, alguns trabalhos têm se preocupado com a articulação da questão do armário com as repercussões da idade. Santos e Filho (2010) buscaram investigar de que modo a homofobia regula a existência e o trânsito *entre os armários* de pessoas ditas homossexuais. Ao problematizar as narrativas de quatro pessoas de diferentes idades, com 18, 24, 36 e 61 anos, de uma cidade do interior paulista, os autores organizaram suas análises de regulações do armário a partir de linhas inspiradas em três platôs: 1) o armário trancado com cadeado – linhas duras; 2) o armário de portas fechadas (ou encostadas) – linhas flexíveis; e 3) o armário aberto – linhas de fuga.

Nessa pesquisa, os desejos e afetos dos homens investigados oscilaram entre diferentes percepções e vivências, entre elas: o medo e o silenciamento de possibilidades de expressão e de sociabilidades; as negociações possíveis entre o sair e o entrar no armário, buscando ensaiar estratégias de expressão dos desejos, ainda que ligadas a atividades consideradas como *marginais*, como banheiros públicos, bares e festas pontuais, além do uso da internet e do recurso de viagens; e, finalmente, a criação de novos universos que procuram escapar à regulação do armário, os quais permitem construir “processos de subjetivação, de reinvenção de si, de produções ético-estéticas da existência” (SANTOS; FILHO, 2010, p. 14). Esses últimos, referentes às linhas de fuga do armário aberto, remetem-nos a posturas de resistência às imposições hetero/homonormativas e à abertura de caminhos outros que permitam as circulações de desejos e de experimentações homoeróticas capazes de driblar os efeitos da moral, da normalidade, da homofobia e do sexismo.

Perguntados então por que se denominavam de enrustidos nas relações, se por outro lado entendiam que de alguma forma haviam, ao longo dos anos, sinalizado em seu entorno a condição da homossexualidade, todos respondiam que, na comparação com os jovens, que deliberadamente tinham tomado a iniciativa de contar, eles nunca tinham feito isso. Simultaneamente, foi possível notar certa preocupação e até mesmo uma espécie de incentivo e necessidade em falar/confessar sobre a sua homossexualidade para algumas pessoas, como se essa visibilidade advinda da *revelação gay* funcionasse como caminho para aliviar certos sofrimentos e/ou constrangimentos vividos pelos participantes. Caso exemplar era o de Robson (71 anos), que tinha todos os seus parentes morando em outro estado, na região Centro-Oeste, pois havia se

mudado para o Rio Grande do Sul muito jovem para fazer carreira militar e permanecera no sul a vida toda. Com isso, ele havia perdido quase por completo o contato com parentes e se recriminava constantemente por nunca ter contado nada, imaginando que poderia vir a morrer sem ter contado, o que efetivamente aconteceu, uma vez que este informante faleceu durante a realização da pesquisa de modo súbito. Foram sempre motivo de grande admiração os relatos do integrante mais jovem do grupo, com 23 anos, ao falar sobre como havia contado de sua homossexualidade para seus pais, irmãos, colegas de escola, e que levava seus namorados, em geral mais jovens do que ele, para apresentar em casa.

Um dos motivos recorrentes para insistir em revelar a condição da homossexualidade era certo cansaço em esconder, omitir ou trocar fatos, de passar por inúmeras situações desagradáveis, além de olhares desconfiados e das comuns e velhas piadas em tom pejorativo e mesmo humilhantes que geralmente todos costumavam escutar. Sentimentos de ansiedade, desconfiança e a preocupação em esconder seus desejos foram destacados como problemas constantes na rotina desses informantes, ao mesmo tempo que valorizavam certas posturas chamadas de *resolvidas* e de *assumidas* por outros gays que conheciam e que admiravam pelo fato de se *assumirem* como gays perante a maioria de suas relações. No caso de um dos informantes mais velhos do grupo, foi muito interessante observar a mudança de comportamento após a morte da mãe, com a qual ele tinha uma relação de intenso cuidado: passou a sair mais à noite, frequentar alguns lugares gays da cidade onde nunca tinha ido antes, cogitou o uso de camisas mais coloridas e se mostrava mais disposto a abordar o tema de sua homossexualidade com colegas de trabalho, bem como se permitir certa visibilidade nas redes sociais virtuais.

O complexo jogo de revelar e esconder produz declarações que dão o que pensar. Ao mesmo tempo que a maioria dos participantes do grupo se queixa por não se assumir e, de certa forma, admira quem o faz, em certo momento um dos informantes afirma que “na família eu não tenho problema porque eu não me assumo né!”, enquanto outro revela que “[...] no trabalho o chefe já sabe, eu contei, e por vezes eu acho que ele faz piadinhas de mulher na minha frente só para me provocar mesmo, o que eu não gosto”. Por vezes, os relatos enfatizavam o peso do estigma do passado, que lhes dificultou possibilidades de mudança; outras vezes, esse passado de opressão era valorizado como instância que lhes obrigou à reflexão sobre a homossexualidade de modo mais profundo do que percebiam nos jovens gays de hoje. Essa postura mais reflexiva e suas implicações é o tema do próximo tópico.

Vida digna, vida de ajuda aos outros, críticas ao consumismo

Com absoluta recorrência nos encontros do grupo, faziam-se alusões ou comparações entre as possibilidades de vida dos jovens gays na atualidade e aquelas dos integrantes do grupo, tanto quando eram jovens como nos dias de hoje. Tal assunto ficou mais visível com o ingresso no grupo de um rapaz de 23 anos e com seus relatos dos modos de assumir-se. Tal constatação nos mostra que definições de juventude e de velhice são absolutamente relacionais, falar de uma é falar de outra. O movimento básico nas opiniões do núcleo velho e da periferia flutuante sobre o tema foi sempre o mesmo: uma oscilação pendular entre admiração pela coragem, disposição e estratégias de visibilidade dos jovens gays, combinada com críticas a uma adesão das culturas juvenis gays ao mercado, ao consumismo e à falta de reflexão pessoal. Tal questão já está tratada na bibliografia. Nesse sentido, o trabalho de Schirmer (2012), a partir de um olhar da psicanálise, articulou a problemática do armário, do movimento LGBT e da questão da lógica do mercado gay e do consumo à ideia de cidadania:

[...] a história do Movimento Homossexual Brasileiro não é possível de ser tratada, a partir dos anos de 1990, se não em paralelo com a do Mercado Segmentado [...] É mais possível dizer de uma comunidade homossexual pela via de uma Identidade de classe – e do estilo de consumo correspondente a esta – do que por uma ligação contra o preconceito e discriminação [...] Dá para sair do armário sem que seja para e pelas compras? (SCHIRMER, 2012, p. 7).

Ao questionar as políticas de identidade, Schirmer aponta que o alvo principal das lutas da militância gay talvez não seja simplesmente a saída do armário, mas a não captura pela lógica de mercado do tipo *cidadão-cliente-consumidor* e, ainda, a difícil tarefa de se chegar a um consenso no qual o processo de negociação pelas diferentes pautas identitárias se tornaria quase que inatingível. Embora não acompanhado dessa reflexão, certo regime de admiração e crítica aos jovens gays constituiu a tônica de muitas reuniões. Das várias dicotomias usadas para equacionar a situação, uma delas remete à visibilidade com banalização nos dias de hoje *versus* estratégias de preservação pessoal combinadas com um refinamento cultural dos mais velhos:

Eu não aguento mais aquela gente da boate X. Também é só mocinhos e gurizinhos pra dançar aquelas músicas tum, tum, tum. Eu não suporto

isso, eu acho que se tu sai é pra ir em um lugar onde tu tem direito de conversar e não ficar aos gritos. Eu prefiro o Y onde a gente pode tomar um café e bater um papo, sabe? O problema é que não temos um lugar pra ir, se tu verificar homens mais velhos, tu não vai encontrar, não tem lugar pra gente mais velha! É como eu te disse: aonde um cara de 60 anos vai ir aqui? Um cara gay? Hoje a alegria é fabricada, eu quero é arte e não banalização! (Fábio, 62 anos).

Em estreita articulação com essa dicotomia, há outra, explicitada de modo muito potente no grupo, em especial pelos integrantes mais velhos: vincular-se a alguma modalidade de trabalho social e de ajuda ao próximo em sintonia com a crítica a certo viés individualista das culturas juvenis gays contemporâneas. O vínculo com o trabalho social apareceu fortemente articulado com a doutrina espírita, mas também envolveu outras modalidades, como trabalho voluntário em centro de valorização da vida e em terreiros de religião afro-brasileira. No caso da vinculação com centro espírita, dois vetores se explicitaram: o trabalho social de ajuda aos pobres, idosos ou doentes e o pertencimento a grupo de estudos sobre espiritualidade. Essas duas inserções caminham juntas, parte se sobrepondo e parte se articulando, e são fortemente entendidas como parte do processo de elevação pessoal. O engajamento em causas de solidariedade cumpre até certo ponto o papel de militância, embora o tema não guarde nenhuma relação direta com as lutas do movimento LGBT. Em vários momentos das reuniões, Alberto relatou que constantemente, além das tarefas relacionadas do centro espírita que frequentava, costumava visitar hospitais e presídios, a fim de levar uma palavra amiga, de conforto e esperança de vida àqueles que lá se encontravam. Ele também reforça essa postura solidária no grupo quando afirma:

[...] posso dizer que o acaso não existe, mas as pessoas têm uma bagagem de trabalhos sociais. O Pedro foi ecologista, o Arlindo participou do Centro de Valorização da Vida, e o Robson também, já o Fábio não. Talvez isso seja uma característica que une o grupo, porque a gente trabalha a solidariedade, que além do autoconhecimento existe uma coisa solidária, de as pessoas se ajudarem emocionalmente, porque as pessoas trazem essa trajetória e a bagagem (Alberto, 62 anos).

Além de Alberto, outros dois integrantes do núcleo velho relataram ter participado durante muitos anos de um trabalho chamado de valorização da vida, no qual eles atuavam em turnos de plantões, por telefone, na assistência a pessoas com urgências emocionais. Aliás, foi a partir desse trabalho que o informante Robson conheceu e convidou Arlindo a participar do grupo. Tal assunto de certa forma costura a maioria dos relatos no grupo: o incentivo e a prática da caridade, a ajuda ao próximo e uma preocupação com a questão ética. No entanto, os demais integrantes do grupo questionam, apresentam contrapontos e posturas duvidosas à filosofia espírita, não havendo uma aceitação direta e total no coletivo. Divergências rondam e eclodem em momentos específicos das reuniões quando os debates avançam:

O tema religiosidade e/ou espiritualidade volta à reunião. Dois integrantes travaram um belíssimo debate, repleto de detalhes, sobre a história de Maria Madalena, personagem bíblico. “Eu acho que as pessoas hoje estão cada vez mais sem religião, as pessoas precisam acreditar em algo”, afirma Ricardo. Em relação às explicações do espiritismo, Fábio declara: “Isto não tem pé nem cabeça! A religião é uma merda que estraga tudo! O avanço é ter lei, eu acho”. No meio da discussão, para mudar de assunto Ricardo levanta-se e lê um poema de Fernando Pessoa. Todos aplaudem. Foi cênico! (Diário de Campo, 03/07/2010).

Nesse sentido, o clima de solidariedade entre os participantes do grupo e de preocupação com o próximo é estimulado. Isso aproxima e reforça afinidades no grupo, uma vez que há uma explícita admiração dos demais integrantes por aqueles que se envolvem com tais questões. Essa característica de apoio e engajamento em trabalhos beneficentes é acionada muitas vezes como crítica ao modo de ser dos jovens gays hoje em dia, que se entregam ao consumismo, à importância dada ao chamado *mercado gay*, bem como à excessiva valorização do corpo e do uso de tecnologias para aprimorá-lo ou mantê-lo jovem. Nada disso parece combinar com a postura caritativa e espiritualizada presente no grupo. Essa questão, que perpassa as discussões no grupo, de *se colocar no lugar do outro*, ou seja, essa ética perseguida e visibilizada pela maioria dos integrantes do núcleo velho, faz refletir se a mesma constitui-se como um efeito associado à questão da idade mais *madura* e/ou à questão do pertencimento espiritual de alguns informantes do grupo. Ou será de ambas? Deixamos a questão sem resposta, mas assinalada como marca do grupo.

Embora concentrado no núcleo de homens mais velhos do grupo, a quase totalidade dos integrantes se engaja de algum modo em causas sociais que apresentam caráter caritativo/filantrópico, o que é considerado por muitos como atividade militante que busca a solidariedade. O fato de não estarem vinculados em ações da pauta do movimento LGBT deriva também de críticas a este, que recaem em geral sobre as paradas, vistas como momento de exibicionismo e celebração de corpos jovens:

[...] novamente, a questão da visibilidade gay em espaços públicos voltou à pauta de debates da reunião de hoje. A maioria dos integrantes afirmou nunca ter participado (seja desfilando ou assistindo) e parece posicionar-se contrário às cenas de exibicionismo e vulgaridade apresentadas nas paradas pelo Brasil e, em especial, a de Porto Alegre. Relataram que as posturas veiculadas nas paradas gays constroem uma imagem errada e negativa dos gays: de promiscuidade e vulgaridade e que só pensam em sexo (Diário de campo, novembro de 2009).

Em vários momentos das reuniões, os participantes comentaram sobre o comportamento dos atuais jovens gays e a (super)visibilidade dessa vivência e expressão homoeróticas, principalmente em locais públicos. Compararam-nos com as dificuldades e estratégias da época de suas juventudes, a complexidade para produzir-se um encontro com outro homem, às escondidas e, muitas vezes, no anonimato. Caminhar de mãos dadas, beijar-se em público e exibir roupas diferenciadas ou extravagantes foram citados como ações praticamente impossíveis na trajetória da maior parte dos participantes do grupo. Eles reconheceram que essas conquistas das novas gerações seriam responsáveis por certa leveza e ausência de medo ou culpa diante da família e da sociedade de uma forma em geral. Ao mesmo tempo, os integrantes mais antigos do grupo atribuem à sua geração a responsabilidade pelas mudanças atuais, uma vez que, segundo eles, sua geração foi quem abriu caminhos e enfrentou os mais severos preconceitos e dificuldades em relação à homossexualidade, outrora. Através desses relatos, ficou evidente a existência de certa mágoa dos mais velhos em relação aos jovens, pois estes deveriam agradecer aos velhos por terem iniciado as lutas por alguns privilégios que agora desfrutam, ou deveriam então compreender a situação dos velhos, que vêm de outra época, mas não são compreendidos:

Poderemos examinar ainda as posturas das novas gerações quanto à nossa identidade sexual e à liberdade que usufruem graças às lutas das

pessoas mais maduras que enfrentaram as ditaduras – militar, religiosa, familiar, entre outras, para que os jovens pudessem, hoje, até sair de mãos dadas nas ruas (Ata de reunião, janeiro de 2012).

Esse relativo conflito de gerações, embasado nas diferenças de expressão e comportamentos entre homossexuais jovens e velhos, aponta para certo sentimento de indignação dos mais velhos em relação à precocidade de assumir-se dos jovens atuais. As práticas homoeróticas sem culpa convivem abertamente com uma produção visual-corporal fora do armário, mas não são reconhecidos os devidos créditos por essas possibilidades. Pior ainda, os créditos são atribuídos exclusivamente aos mais jovens, que então, na perspectiva dos mais velhos, detêm um protagonismo que não lhes é totalmente devido. Na visão dos integrantes do núcleo velho e da periferia flutuante, certa dose de culpa por eles experimentada, em relação à homossexualidade, por longos anos, parece ter sido importante para alimentar um processo de reflexão profunda que culminou em crescimento cultural e artístico, percepção da importância de se envolver em ações de cuidado aos outros, preocupação com a carreira profissional, com o alargamento do conhecimento do mundo através de viagens, com o consumo de literatura de qualidade. Em mais de um momento das reuniões, foram citados trechos das obras de Caio Fernando Abreu, alguma poesia foi lida, foram comentadas peças de teatro ou filmes, lembradas vidas de artistas e referidas obras de arte, claramente indicando a necessidade de vivência cultural que deveria acompanhar o assumir-se gay, o que era visto como próprio dos mais velhos e ausente entre os mais jovens.

Dedicar-se a ações voluntárias de ajuda ao próximo; buscar um refinamento cultural via leitura, cinema, teatro ou viagens para conhecer o mundo; estreitar a rede de relações com amigos; evitar comentários excessivos acerca de sua própria homossexualidade, em particular com a família; estabelecer críticas e elogios aos modos de ser gay entre os jovens; cuidar de pai e mãe bem como de outros integrantes do círculo familiar; empenhar-se no sucesso profissional e na conquista da estabilidade financeira; ser discreto e ao mesmo tempo estabelecer relações com outros amigos homossexuais; saber dos acontecimentos políticos do ativismo homossexual, mantendo certa distância desse cenário; evitar o consumismo excessivo e a captura pelos valores de mercado: em todas essas questões, está presente o dispositivo do armário, em suas múltiplas significações. Por fim, o armário do título deste artigo se explica! Sábado à noite, julho, mais uma reunião na qual a tônica da conversa girava em torno de certo regime de comparação entre os modos de ser

dos jovens gays e os modos de ser dos integrantes da Oficina de Gente; muito frio lá fora, sala acolhedora, duas garrafas de vinho trazidas por Robson para *ter coragem de soltar o verbo*, uma bandeja de sanduíches. As manifestações dos mais velhos eram as que mais se destacavam, o debate estava intenso, difícil tomar notas, pois muitos falavam ao mesmo tempo. O termo armário era citado de modo recorrente. Alguém afirmou: “os mais jovens já nasceram fora do armário”. Outro retrucou, “mas onde foi parar o armário então?”. Um terceiro emendou: “fomos nós que acabamos com o armário, foi a nossa resistência que quebrou o armário”. Mais alguém complementou: “eu acho que o meu armário ainda existe, só que eu não tenho mais nada para guardar dentro dele”. “Então estás pobre, bicha pobre e velha, nem encostar na oficina adianta mais para consertar”, retrucou outro. Após muitas risadas, alguém pontuou: “eu gosto de armário, é bom ficar lá dentro um tempo, para refletir, estar consigo”. O complexo jogo de possibilidades da epistemologia do armário se atualiza a cada contexto e nos indica que ainda há muito o que pesquisar e a ser pesquisado.

⁴ Em momento algum, gravamos as reuniões. Muitas vezes, tomamos notas ao longo das reuniões, na maioria das vezes, fizemos um relato “a quente”, logo após o encontro, escrevendo o que nos parecia mais importante. As atas foram sempre um material de apoio importante. As entrevistas individuais ajudaram a lembrar temas discutidos nas reuniões.

Referências

- BRASIL. IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 9 out. 2014.
- CÂMARA, Cristina. *Cidadania e Orientação Sexual: a trajetória do Grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.
- GARDNER, Paula J. Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas em Língua Inglesa. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 69-92, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOLLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-53.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Paradigmas contemporâneos sobre o Desenvolvimento Humano em Psicologia e em Sociologia Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2008.
- PAIVA, Antonio C. S. *Corpos/Seres que não importam: sobre homossexuais velhos*. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, Natal, v. 3, p. 191-208, 2009.
- POCAHY, Fernando Altair. *Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SANTOS, Daniel Kerry; FILHO, Fernando Silva Teixeira. Proposições e pistas cartográficas nos estudos de gênero e das sexualidades. In: FAZENDO GÊNERO 9 – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. *Anais... UDESC*, Florianópolis, 2010.
- SCHIRMER, Anderson. Saindo dos armários. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6., v. 1, n. 1, 2012, Salvador. *Anais... Salvador*, UFBA, 2012.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-57, 2007.
- SILVA, Fábio; MONTENEGRO, Rosilene. Jovem e bonito, velho e feio? os homossexuais e as publicações homoeróticas brasileiras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABE, 6., v. 1, n. 1, 2012, Salvador. *Anais... Salvador*, UFBA, 2012.

SIMÕES, Julio de Assis. Homossexualidade masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sergio *et al.* (Org.). *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 415-447.

SWAIN, Tania N. Velha? Eu? Autorretrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 261-270.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. p. 35-82.